

**Proteger e promover o património cultural e natural.
Incorporação, investigação e preservação de acervos**

Maria de Jesus Monge

Actividades centrais da prática museológica, estas vertentes do trabalho em museus são, por via das suas características, as que têm menor visibilidade. Tarefas de fundo e que se inscrevem no tempo longo das instituições, não permitem resultados espectaculares (com poucas e gloriosas excepções!) e não se prestam a parangonas na comunicação social.

Se trabalhar a 'memória dos povos e do indivíduo' continua a ser o objectivo indiscutível da instituição museológica, novas formas de sociabilização, novas tecnologias, novas lógicas de apropriação dos conteúdos, têm vindo questionar a forma como este trabalho é enquadrado e, em última análise, condicionam a sua produção.

Vivemos um momento de crise em que são constantes as referências à contenção de despesas, ao emagrecimento dos encargos, à maximização dos recursos... Talvez este momento de grandes dificuldades – agravadas por trabalharmos num sector em que, mesmo ainda em tempo de abundância, já ter havido constrangimentos – seja a oportunidade para reflectir, definir objectivos e prioridades e programar em conformidade.

**' O património será a nossa única fonte de riqueza'
SEC, Expresso de 24 de Março**

Esta afirmação recente, do responsável governamental pela área, reflecte uma opinião corrente, transversal à sociedade e, no entanto... Todos sabemos que o principal problema tem sido a ligeireza, o amadorismo com que o sector do património tem sido encarado: muleta do turismo, oportunidade para visibilidade em momentos eleitorais, campo em que todos podem opinar. Se há área em que a obra duradoura exige tempo para amadurecer e ser reconhecida é a Cultura: uma obra pública projecta-se e constrói-se em pouco tempo, podemos realizar eventos, promover exposições, publicar, mas se estas acções não forem concertadas, continuadas de forma coerente e estruturada, não passarão de *faits divers* sem consequência - a grande deficiência de muitas programações, como o comprovam tantas outras que, pela sua persistência e qualidade, são já referência.

No que respeita ao tema sobre o qual fui desafiada a falar-vos: Podemos discutir modelos e tipologias, mas a pedra angular do edifício museológico é a colecção. Sem incorporação não há colecção, sem colecção não há instituição museológica.

Actividade central, está habitualmente dispersa entre vários actores e depende muito das linhas estratégicas gerais definidas pela tutela.

Incorporar

- Importância da política de aquisições: documentos orientadores Código Deontológico do ICOM, Lei-Quadro dos Museus; e dos documentos de regulamentação interna (Regulamento Interno, Política de incorporações/ RPM)
- Fundo de aquisições: quantos dos nossos museus o têm?
- Processos de incorporação: doações/depósitos/aquisições/ outras (arq e etnog...)
- Abater do inventário/venda de acervo: é legítimo? Em que condições? (necessariamente diferente consoante a natureza das colecções)

O conhecimento e a boa gestão dos acervos é condição para todos os restantes vectores da política museológica: bases de dados, gestão de bases.

Mas quem gere estes instrumentos de trabalho fulcrais: equipas em permanente mudança? Estagiários? Quem faz a sua actualização, tanto em termos humanos como técnicos?

Importância dos thesaurus, das redes de museus temáticas, da sensibilização das tutelas para a formação contínua, do trabalho pluridisciplinar.

A investigação em museus foi um tema debatido nos últimos anos, quando ainda havia esperança na constituição de equipas alargadas de especialistas. A realidade actual tirou-nos essas ilusões, muitas instituições estão à beira da rotura técnica, e dir-se-á, com tantas carências a investigação não será a primeira tarefa a não ser exequível?

O grande paradoxo é termos hoje uma geração preparada como nunca antes para garantir trabalho museológico de grande profissionalismo.

investigar

- Quem (conservadores/técnicos, as instituições académicas, outsourcing/freelancers?)
- ex projectos FCT: Fontes para a história dos museus em Portugal, Inventário de D Teodósio I, Gabinetes Reais de Ciência... importância da colaboração institucional a vários níveis
- Participação nos circuitos internacionais (reuniões, encontros ou congressos, mas também publicação), ainda deficitária. Há, felizmente, cada vez mais bons exemplos de profissionais portugueses na Arte e Arquitectura contemporâneos, na história das colecções.

A conservação do património é uma área de trabalho que tem evoluído muito em Portugal, sob várias perspectivas: formação, número de técnicos, projectos multidisciplinares. A sensibilização para boas práticas generalizou-se e o multiplicar de iniciativas de actualização tem permitido formar o pessoal dos museus.

No entanto, aqui, como nas outras áreas do trabalho museológico, a desestruturação provocada pelo fim de equipas de trabalho pluridisciplinares, a falta de recursos para prosseguir programas, ameaçam destruir em pouco tempo o trabalho construído na última década.

preservar

- Com o fim anunciado do Instituto de Conservação e das estruturas que acompanhavam as intervenções no património edificado, cada vez com menos técnicos e sem capacidade de responder às solicitações, quem promoverá/acompanhará a conservação do património?
- A conservação preventiva é um processo contínuo que exige saber e meios: com que técnicos? Com que meios?
- Implementação de boas práticas / RPM
- Importância da formação teórica e prática (estágios profissionais) / creditação
- Exportação de bens culturais/ classificação; listas de tesouros nacionais

Em resumo, permito-me realçar dois aspectos que são transversais e resumem os principais desafios:

- Importância da 'passagem de saberes' que está a ser perigosamente posta em causa com a desertificação das instituições e o recurso sistemático a contratos a termo, estagiários e outsourcing.
- Importância da programação de longo prazo, existência de políticas bem definidas aos vários níveis, fundamental desenvolver respeito pelos pareceres técnicos. Apelar para um *Pacto de Regime*: não tendo em vista lógicas corporativas, mas para tornar visível a especificidade da área.